

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Faculdade de Letras de Lisboa

1



EDICÖES
COSMOS

二〇一〇年三月廿一日
二〇一〇年三月廿一日

mulos pertencentes a pessoas de reduzidas posses, espólio modesto constituído por esteiras pequenas, altares de oferendas, abundante cerâmica (ânforas, taças, vasos antropomórficos, jarros, etc.), contendo alguns dos recipientes provisões cujo conteúdo já desfeito (mel ou azeite) vem indicado, em hierático, na pança.

Encontrou-se ainda uma sepultura colectiva «três courieuse», com muitos esqueletos simplesmente depositados no solo, sem oferendas funerárias, apresentando-se alguns dos corpos decapitados ou com os membros inferiores separados do corpo.

Todos os artigos do presente *Dossier* estão bem documentados com gravuras (fotografias dos locais referidos e de algumas peças encontradas, bem como esquemas e reconstituições), enquanto as pp. 54-55 mostram o mapa das três grandes regiões funerárias que constituem o tema do volume.

A p. 122 contém um pequeno léxico e uma tábua cronológica que vai de 3100 antes da nossa era (unificação do Egipto e começo da 1ª dinastia tinita) a 332 antes da nossa era (fim da segunda dominação persa com a conquista do Egipto por Alexandre), sendo a cronologia apresentada «la plus généralement admise». A p. 123 oferece aos leitores uma pequena bibliografia dividida em cinco partes (ouvrages généraux; la Grotte Sacré; la Vallée des Rois; la Vallée des Reïnés; autres nécropoles), enquanto na p. 125 um «English summary» permite aos leitores de língua inglesa ter uma ideia sucinta acerca da matéria tratada em cada um dos 22 artigos que recheiam este excelente volume da colecção *Les Dossiers d'Archéologie*, que tem entre outros, o alto mérito de colocar ao alcance de um grande número de leitores não especializados nestas temáticas (os especialistas aguardarão pela publicação mais detalhada destas notícias) um ro-teiro excepcional de algumas das zonas mais famosas do Egipto.

Luís Manuel de Araújo

J. CARREIRA DAS NEVES, V. COLLADO BERTOMEU, V. VILAR HUE • **SO** (edit.), *III Simpósio Bíblico Español*, Fundación Bíblica Española, Valencia / Publicações da UCP, Lisboa, 1991.

Este volume de 762 páginas contém as actas de um simposio realizado na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, nos dias 17 a 20 de Setembro de 1989 e encerrado em sessão pública na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

São cinquenta e duas conferências e comunicações, as quais, dado o seu grande número, se torna difícil recensear mais em pormenor. Vamos procurar oferecer uma síntese, em breves linhas, do conteúdo de cada comunicação, para mais concreta orientação do leitor.

Na sessão I, Arqueologia Bíblica, são apresentadas:

1. «Santuarios de Tel Balata (Siquén)», de Vicente Vilar Hueso, da Fac. de Teologia, Valência. — São particularmente sublinhadas a relevância da análise arqueológica dos santuários de Siquém para a história do sacerdócio entre os Hebreus (PP• 17-22).
2. «Mesas domésticas del siglo I en Jerusalén, y altares cristianos», de Joaquín González Echegaray, do Instituto para Investigaciones pre-históricas, de Santander. — Trata das possíveis influências das mesas domésticas romanas do século I na configuração do altar cristão (pp. 23-31).
3. «El territorio de Aser en los inicios del I milenio a. C. a la luz de la Arqueología: fenicios e israelitas», de María Dolores Herrera, da Universidade de Cantábria. — Retrata a grande importância do território da Galileia marítima para a compreensão daquilo que foi a relação entre Fenícios e Israelitas na época decisiva para ambos, entre o séc. XI e o séc. vm, a.C. (pp. 33-51).
4. «Grabados sobre roca en la zona de Khirbet es-Samra (Jordania)», de Juan Fernandes Tresguerres, da Universidade de Oviedo. — Descreve as figuras rupes-tes da região, que lhe parecem ser de época recente, no final do primeiro milénio a.C., e algumas até depois disso (pp. 53-63).

Na sessão II, Bíblia e Antigo Oriente, aparecem cinco comunicações:

5. «Vocabulario hebreo y léxico eblaita», de Eduardo Zurro Rodríguez, de Valladolid. — É urna variada e rica filigrana de doze preciosidades lexicais de Ebla, analisadas no seu contexto filológico e cultural mesopotâmico e sobretudo nas suas solidariedades com o semítico do Noroeste (pp. 67-81).
6. «El encargado o comisionado». Recorrido por los senderos de la exégesis. De la filología a las instituciones. De lo profano a lo religioso. De la historia de las religiones a la teología», de Jesus Luis Cunchillos. — Partindo da questão linguística do *mal'ak*, apresenta-se toda a dimensão da comunicação no mundo profano e religioso como ligada à função deste encarregado e tocando os conceitos de anjo, de deus secundário e até de profeta (pp. 83-94).
7. «Instituições dos hititas em Hebron no contexto do Médio Oriente», de António Augusto Tavares, da Universidade Nova de Lisboa. — Estuda instituições que sustentam a administração social na cidade de Hebron, segundo o cap. 23 do Génesis, e os seus paralelos na literatura oriental (pp. 95-103).
8. «Filisteus em Canaã, uma cultura desaparecida», de Geraldo J. A. Coelho Dias, da Universidade do Porto. — Aborda a definição da cultura dos Filisteus e a sua relação com os Fenícios na história oriental e na movimentação civilizacional mediterrânica (pp. 105-116).
9. «O sufixo verbal não-acusativo em hebraico antigo e o semítico do Noroeste», de José A. M. Ramos, da Universidade de Lisboa (aqui chamada «Clássica»; mas

este adjectivo não faz parte do seu nome). — Apresenta a sùmula de urna tese de doutoramento sobre uma antiga «*quaestio disputata*», a do sufixo verbal não-acusativo, expondo as linhas e os dados fundamentais deduzidos da história dessa discussão (pp. 117-132).

Na sessão III, Textos, aparecem três comunicações:

10. «La variante antioquena 'Lo asemejaré' de Mt 7, 24» de José O'Callaghan, do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. — Manifesta a sua preferência pela versão antioquena explicitada no título, contrariamente à versão de forma passiva e mais im pessoal, que é correntemente a preferida pelos autores (pp. 135-138).
11. «Hifil interno e sufixo datival no tema teológico do regresso de Javé (*shub*)», de José A. M. Ramos, da Universidade (Clássica, *sic*) de Lisboa. — Afirma a possibilidade de se reconhecerem alguns casos de sufixo não-acusativo com um *hifil* interno do verbo *shub*, em contextos de regresso de Javé (pp. 139-150).
12. «Nuevos textos bíblicos procedentes de Qumrán. Implicaciones exegéticas», de Luis Vegas Montaner, da Universidade Complutense, Madrid. — Alguns textos bíblicos de Qumrán motivam ao autor algumas deduções importantes relativas à história textual e à Bíblia de Qumrán (pp. 151-159).
13. «Algunas aportaciones al conocimiento del judaísmo del segundo templo de los textos bíblicos de Qumrán recientemente publicados», de F. García Martínez, do Qumrán Institut, RUG, Holanda. — Trata sobretudo das origens saduceias da *halakháh* qumránica e do seu contributo para a evolução da poesia hebraica (pp. 161-168).

Na sessão IV, Antigo Testamento, são apresentadas seis comunicações:

14. «La palabra y la persona del profeta. (Sobre el doble texto de Jeremias)», de Santiago Ausín, da Universidade de Navarra. — Trata das conclusões adquiridas pelas recentes investigações relativas ao duplo texto de Jeremias e a maneira como isso se reflecte no estudo da personalidade do profeta (pp. 171-184).
15. «Las guerras de Eliseo como relatos ficticios», de Jesús Asurmendi, do Instituto Católico de Paris. -- Os relatos ficticios das guerras de Eliseu pretendem redefinir, segundo a perspectiva de Oseias, as difíceis e complexas relações entre o profetismo e a monarquia (pp. 185-201).
16. «Senaqueribe na Palestina e a tradição bíblica», de Francolino J. Gonçalves, da École Biblique de Jerusalém. — Estuda as versões que aquele facto histórico recebeu e cuja preocupação específica se nos apresenta como evoluindo sucessivamente de um horizonte que abarca todo o país de Judá até vir a centrar-se exclusivamente sobre Jerusalém (pp. 203-230).
17. «As divisões da sociedade de Judá por ocasião da queda de Jerusalém», de Francisco Caramelo, da Universidade dos Açores. — As clivagens sociais que levaram Jerusalém até ao tempo da sua ruína são aqui vistos como sendo de ordem estrutural e como realidades que atravessaram todo o período da monarquia (pp. 231-239).
18. «Aspectos forenses de la terminología de la cólera en el Antiguo Testamento», de Víctor Moria Asensio, da Universidade de Deusto, Bilbao. — Esta terminologia coloca-nos no horizonte semântico das questões forenses, se bem que ou-

tras linhas de pensamento tenham também contribuído para que as representações forenses demasiado dramáticas da cólera divina fossem diluídas (pp. 241-256).

19. «El lenguaje psicológico de los Salmos», de Luis Alonso Schoekel, do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. — Com a transição do simples género narrativo, como representação exclusiva e exterior do agir humano, para o género lírico, verifica-se a passagem da apreensão superficial dos personagens em acção para o acesso à intimidade dos próprios personagens, de modo a poder analisar esta intimidade e convertê-la em conteúdo narrativo (pp. 257-266).

Na sessão V, Novo Testamento, aparecem onze comunicações:

20. «Aspectos eclesiológicos del IV Evangelio», de António Garcia-Moreno, da Universidade de Navarra. — Sublinha primeiramente alguns dados que parecem demonstrar aspectos eclesiais derivados da relação do conteúdo deste evangelho com a actividade apostólica do seu próprio autor junto de certas comunidades joânicas, definindo, depois, a união com Cristo como fundamento da Igreja (pp. 269-278).
21. «Inspiración, canonicidad y cuarto evangelio. Reflexiones entorno al encuadre ideológico del evangelio de Juan», de Juan Piñero da Universidade Complutense de Madrid. — A utilização que João faz dos sinópticos e os objectivos que define mostram-nos que ele está convencido de ter a chave para interpretar «espiritualmente» a vida e obra de Jesus. João é um gnóstico incipiente, tal como se podia ser no final do séc. I, só lhe faltando a sistema filosófico da gnose do séc. II (pp. 279-297).
22. «El Evangelio de Juan y Targum: balance y nuevos horizontes», de Domingo Muñoz León, do C.S.I.C., Madrid. — Esta comunicação é quase um tratado e constitui urna estimulante proposta de horizontes na investigação sobre o Targum e o Novo Testamento, como ele próprio intitulou a sua ampla conclusão (pp. 299-328).
23. «La ley de Cristo en Gal 6, 2. Convergencia semántica de los sintagmas 'nomos Christou' y 'nous Christou'», de Lorenzo Alvarez Verdes, Roma. — O Autor vê na convergência entre estes dois sintagmas o sinal de apreço, por parte de Paulo, da liberdade e da capacidade que o homem deve cultivar, servindo-se do seu próprio *noús*, estimulado pelo método seguido por Cristo (pp. 329-346).
24. «Las mujeres en la genealogia de Jesús, según San Mateo», de Salvador Muñoz Iglesias, jubilado do C.S.I.C., Madrid. — As explicações tanto antigas como modernas aqui recapituladas servem para contrastar com a tese do autor de que aquilo que caracteriza as mulheres referidas nesta genealogia de Jesus é o facto de todas serem estranhas à tribo de Judá. E isto poderia estar relacionado com a situação de Maria. A ligação à família de David seria sugerida pela via de José. Parece sugerido que Maria seja da tribo de Levi (pp. 347-360).
25. «O pronome pessoal *emeis* como chave hermenêutica do IV Evangelho», de Joaquim Carreira das Neves, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. — «O nós/vós tem a ver com figuras da tradição bíblica (Nicodemos, Samaritanos, irmãos de Jesus, discípulos na Judeia, possivelmente de origem 'baptista', Judeus em geral), mas todas tornadas funcionais por causa da pregação do evangelis-

- ta. São figuras catequéticas, icónicas, significativas, mas arrancadas à história do passado, agora impossível de concretizar» (pp. 361-383).
26. «Exemplos de desenvolvimento deráxico no IV Evangelho em torno dos dons de Jesus», de Geraldo Morujão, da Universidade Católica Portuguesa, Viseu. --- Estuda vários modelos de desenvolvimento e composição ao gosto do midrache, nomeadamente o de superação, o de contraposição e o de transferência na construção da síntese cristológica deste evangelho (pp. 385-394).
27. «Los discursos de los Hechos de los Apostoles en la tradición historiográfica helenística-romana», de José González Luis, da Universidade de Laguna, Tenerife. — Lucas adoptou as convenções da tradição historiográfica antiga na forma de apresentar os discursos, nos Actos, conferindo-lhes um peso específico e unitário no desenvolvimento narrativo e recriando e construindo os discursos com relativa independência da realidade histórica, seguindo, no entanto, os seus próprios caminhos (pp. 395-407).
28. «Una búsqueda del alcance de las antítesis de Mt 5, 21-48», de José Maria Casciaro, da Universidade de Navarra. — Estas antíteses não representam oposição à Torá mosaica nem são regras de interpretação, mas denotam uma singular autoridade e senhoria por parte de Jesus, que o colocam em posição única face a essa mesma Torá; denotam a posição de alguém que conhece os segredos da Lei de Deus, mais do que os rabinos e profetas (pp. 409-423).
29. «El sentido de la estructura de Marcos», de Vicente Balaguer, da Universidade de Navarra. — Procura sumariar e ponderar as tentativas de compreensão da estrutura detectável no Evangelho de Marcos, segundo a bibliografia recente (pp. 425-432).
30. «Un exégeta lusitano del Apocalipsis: Apringio de Beja», de Alberto del Campo Hernández. — Um comentário do Apocalipse de Apringio de Beja (séc. VI), descoberto em 1892, continua a suscitar análises relativamente à sua integridade. O Autor conclui que Apringio comentou os primeiros cinco e os últimos cinco capítulos. Os restantes capítulos centrais devem ter sido recolhidos já pelo próprio comentarista de um outro autor anterior, Vitorino (pp. 433-437).

Na sessão vi, Targum e Literatura midráchica, aparecem seis comunicações, nomeadamente:

31. «Exculpación-inculpación: principio de exégesis targúmica desconocido en la hermenéutica judía oficial», de Luis Diez Merino, da Universidade de Barcelona. — São expostas as regras hermenêuticas judaicas oficiais de Hillel, de R. Ismael, de Eliézer ben Yosef ha-Gelili e outros. Além das sessenta e sete regras assim somadas, o autor expõe aquela que chama de 'exculpação-inculpação': há personagens que são desculpadas (destas são estudadas: Adão, Amram, Dina, Eliézer) outras são inculpadas, por ex.: Abiram, Acab, Balac, Betuel. Este método encontra-se operante desde a antiga literatura targúmica até à restante literatura medieval e moderna (pp. 441-476).
32. «Second Ezekiel y las tradiciones apocalípticas», de Florentino García Martínez, Qumrán Institut-RUG, Holanda. — Este texto só recentemente publicado é analisado do ponto de vista da sua composição, o seu conteúdo ideológico (o mal na história, o determinismo histórico, a aceleração do final dos tempos, a teolo-

gia da aliança, a ressurreição) e a sua relação com O pensamento apocalíptico (pp. 477-488).

33. «El Reino de la Escritura. (Sobre los principios hermenéuticos de R. Yismael en el Midrás Sifre Números)», de Miguel Pérez Fernandez, Universidade de Granada. — O Reino da Escritura é uma categoria de interpretação em que desvendar o sentido completo da Escritura conduz e equivale a expor tudo o que integra o Reino de Deus. A Escritura é um conceito filosófica e teologicamente totalizante. Daí que as parábolas que, na literatura rabinica, se referem à Escritura equivalham às parábolas do Reino na literatura evangélica (pp. 489-495).
34. «Los Mesalim. Parábolas de Mekilta de R. Yismael. Ensaio literario sobre sus personajes», de Aurora Salvatierra Ossorio, da Universidade de Granada. — São apresentadas trinta e duas parábolas em tradução castelhana com um estudo-síntese sobre os seus personagens: rei, pai, figuras opostas, personagens colectivas e animais (pp. 497-520).
35. «Algunos aspectos doctrinales característicos del Targum de Jeremias», de Josep Ribera Florit, da Universidade de Barcelona. — Este targum sublinha O aspecto ético e espiritual da «comunidade do meu povo», a condenação da idolatria, a descrição vívida da penosa missão de Jeremias, a distinção entre profetas falsos e autênticos, a origem davídica do Messias, «ungido de justiça», o acentuar da responsabilidade pessoal dos actos e a esperança na reconstrução do templo (pp. 521-526).
36. «Targum de Is 52,13 - 53,12. Pressupostos históricos e processos literários», de João Lourenço, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. — Esta passagem de Isaías afasta-se bastante mais do texto hebraico do que o resto do targum de Is 40-66, O que mostra a complexidade histórico-hermenéutica deste texto. Ele transpõe a figura do servo para a do Messias, transferindo as referências de sofrimento para manifestações de poder. O aspecto sofredor da figura continua a ser tratado, mas é aplicado a vários sujeitos, diferentes do Messias (pp. 529-540).

Na sessão VII, Literatura e Exegese Bíblica, aparecem dezasseis comunicações:

37. «A noemática bíblica em Sebastião Barradas (1543-1615)», de Manuel Marques Gonçalves, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. — Estuda os enraizamentos tradicionais do método exegético de S. B., as várias formas de esquematização da hierarquia de sentidos e a sua redução fundamental à básica fórmula binária do sentido literal e espiritual (pp. 543-573).
38. «A Bíblia como história frente ao esoterismo», de Joaquim Carreira das Neves, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. — Este texto constituiu uma conferência pública do simpósio e daí o carácter abarcante do tema. Ele aparece, no entanto, concentrado em torno de duas questões mais representativas: a questão do mal, nas religiões, na Bíblia e na visão esotérica e ainda Deus e a história como contrapondo basicamente a Bíblia e o esoterismo (pp. 576-595).
39. «El siervo sufriente (Is 52,13 53,12 -) en la exégesis hebrea, según don Isaac Abrabanel», de Francisco Varo, Universidade de Navarra. — Esta exegese apresenta-se como uma janela aberta sobre a complexidade e os conflitos da história do tema do servo sofredor, primeiro porque Abravanel conhece razoavelmente a interpretação cristã daquela figura e testemunha a grande multipli-

cidade de interpretações dadas à mesma, na exegese judaica antiga e medieval (pp. 597-608).

40. «Manuel de Sá, precursor do método histórico-crítico», de José Coelho Matias, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. — A influência de M. S. na organização dos estudos, particularmente dos estudos bíblicos, e os métodos evidenciados nas suas obras exegéticas fazem dele um dos pioneiros do método histórico-crítico (pp. 607-626).
41. «Cervos/as, pastores e bailarinas: três motivos veterotestamentários da lírica galaico-portuguesa», de José Nunes Carreira, da Universidade (Clássica, *sic*) de Lisboa. — Estudar «as raízes profundas dos trovadores medievos, em cuja lira ressoavam cordas velhas de séculos e séculos», é O objectivo deste texto. Se em alguns aspectos não é clara a dependência relativamente ao A. T., O tema das «cervas do monte» e «dos cervos» que bebem na fonte inspira-se inequivocamente no Cântico e no Salmo 42/41 (pp. 627-637).
42. Daniel 1/4 y las «Ansiedades del Cortesano», de E. Gurwirth, do Jewish History Department, Universidade de Tel Aviv. — O livro de Moisés Arragel, de 1422, é um espelho da mentalidade hispano-judia. As «listas de virtudes» dependem profundamente da exegese dos seus antecessores hebreus (pp. 639-648).
43. «Las glosas de Mosé Arragel de Guadalajara al Eclesiastés», de Lorenzo Amigo Espada, da Universidade Pontifícia de Salamanca. — O seu comentário ao Eclesiastes na Bíblia de Alba segue basicamente as ideias da ética aristotélica, que vai expondo, sem se afastar muito do texto bíblico. Trata-se, no entanto, já do pensamento assimilado na tradição judaica e mormente em Maimónides, O qual está já integrado no seu sistema teológico próprio (pp. 649-665).
44. «Crítérios hermenêuticos de Jaime Pérez de Valencia», de Miguel Peinado Muñoz, da Faculdade de Teologia, Granada. — Os sugestivos critérios hermenêuticos de aproximação ao judaísmo praticados por J. P. V., dentro de uma necessária história da hermenêutica, são expostos em torno a dois pontos fundamentais: a relação judaísmo-cristianismo como um problema hermenêutico e as regras da interpretação cristã da Escritura (pp. 667-672).
45. «Utilización del comentario a los profetas posteriores de D. Isaac Abravanel en la Universidad Complutense (s. XVI)», de Carlos Alonso-Fontela, da Universidade Complutense de Madrid. — Descreve a importância que se dava naquela universidade à obra exegética do judeu português, baseando-se numa quase reedição dessa mesma obra por Alfonso de Zamora para uso dos mestres e estudantes (pp. 673-678).
46. «Las cuestiones de Isaac Abrabanel al Gn 49,1-28 (el Testamento de Jacob)», de M. A. Tábet, da Universidade de Navarra. — Abravanel teve um «modelo» metodológico, que se tornara comum na Alta Idade Média; é o método da «quaestio», já detectado em S. Isidoro de Sevilha. Consequentemente, sublinha-se em I. A. o interesse teológico, histórico e geográfico, deixando as questões filológicas, comuns no judaísmo, para segundo plano (pp. 679-587).
47. «El mesianismo en el sefer Shebet Yehudah de Shelomoh ibn Verga», de María José Cano, da Universidade de Granada. — Sumaria as observações que Ibn Verga oferece sobre movimentos messiânicos ocorridos na Idade Média e as discus-

sões sobre como reconhecer e aceitar alguém como messias, aspecto que é quase sempre centrado na figura de Jesus de Nazaré (pp. 689-596).

48. «Etnografía judía en la Alta Edad Media: la lista de las naciones en el Sefer Yossipon», de José Ramón Ayaso Martínez, da Universidade de Granada. — Este livro é situado na sua época com a descrição que ele faz dos povos da Europa no séc. X, a lista das nações segundo o cap. 10 do Génesis, a estirpe de Jafet. Trata-se de um interessante testemunho da história medieval da Europa, escrito por um judeu anónimo do sul da Itália (pp. 697-717).
49. «'Esposa' o Perfecta casada? Dos personajes femininos en la exégesis de Fray Luis de León», de María Fernández Tejero, do Instituto de Filología, C.S.I.C., Madrid. — Estes personagens são criados por F. L. L. de maneira muito discrepante, dando da mulher duas imagens demasiado contrastantes, ao propô-la como esposa, a partir do modelo poético e literário do Cântico e do cap. 31 dos Provérbios, ou como perfeita casada, muito preocupado pelas necessidades e mentalidades moralizantes do séc. XVI (pp. 719-730).
50. «Exégesis bíblica en judeo-español. El Me'am Lo'ez Isaías», de Ana Riaño López, da Universidade de Granada. — A A. pretende fazer «um prelúdio em torno ao caudal exegético que jaz na literatura religiosa sefardi, ainda insuficientemente explorado» (pp. 731-736).
51. «Las medidas del arca de Noé en la exégesis de Arias Montano», de Natalio Fernández Marcos, do Instituto de Filología, C.S.I.C., Madrid. — Os dois folios sobre a arquitectura da arca de Noé de A. M., integrando um tratado de arquitectura bíblica na Poliglota de Amberes é analisado em si mesmo, no seu significado simbólico ou arcano e no seu significado teológico-cristológico (pp. 737-743).
52. «A Bíblia e a expansão portuguesa», de Luis Filipe Thomaz e João Paulo Oliveira e Costa. — Este texto que constituiu a conferência de abertura solene do simpósio estudou o uso da Bíblia como motivo e justificação da expansão portuguesa e mostrou que os descobrimentos foram um espaço de expansão da Bíblia pelo mundo, assentando aí a difusão do cristianismo e da sua missão (pp. 745-761).

No final deste longo sumário, resta-nos exprimir um desiderato e um lamento. O desiderato: que, de futuro, cada uma das comunicações traga umas linhas de sumário; e o lamento: que a bela conferência de encerramento feita pelo Prof. Luis Alonso Schoekel, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sobre a voz do esposo e a voz da esposa como tema bíblico, não têsse podido integrar este precioso volume. As comunicações escritas em português saem simultaneamente, formando um volume da revista *Didaskalia*, da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

José Augusto Ramos